

A LÍNGUA PORTUGUESA E A IDENTIDADE CULTURAL BRASILEIRA NA *REVISTA DO BRASIL*

Nádia Conceição¹



A *Revista do Brasil* foi um periódico cultural que teve várias fases, começou em 1916 e acabou, na sétima fase, em 1990. Seu editorial, em 1916, foi um manifesto-programa, com os objetivos da revista, que ensaiava um diagnóstico a respeito dos problemas do país e propunha caminhos para solucioná-los. Desenvolvo minha pesquisa com a sexta e a sétima fases e, centro, nestas duas fases do periódico que vou trabalhar, a questão histórica da língua no Brasil. A *Revista do Brasil*, na sexta fase, teve uma publicação regular de 1984 a 1986, 5 números, e conforme o seu responsável, Darcy Ribeiro, seguiu alguns caminhos semelhantes aos traçados por Monteiro Lobato. Manteve nas primeiras páginas seu editorial e os seus objetivos. Darcy Ribeiro re-inaugura a revista assim:

Entrego hoje a você, caro leitor, uma “dentição” mais da *Revista do Brasil*: a sexta. Meu desejo – minha esperança – é de que seja a definitiva. Neste sentido lanço, daqui, meu apelo ao futuro Secretário de Ciência e Cultura do Rio de Janeiro:

– Tome nas duas mãos, companheiro, e faça florescer esta criatura que Monteiro Lobato dignificou como uma voz da consciência brasileira. Muitos outros depois dele tentaram revivê-la. Agora é a sua vez.

No esforço de reencarnar nossa *Revista do Brasil*, eu e minha equipe tivemos em mente duas preocupações fundamentais. Antes de tudo, a de sermos fiéis à intelectualidade que expressou a inteligência brasileira no passado. É tolice achar que se está criando o mundo a partir do zero. Uma contribuição só tem validade real, se se soma às do passado, na longa construção coletiva da cultura brasileira. Para tanto é requisito indispensável nos fazermos herdeiros de nosso patrimônio cultural.²

¹ Bolsista de iniciação científica CNPq.

² *Revista do Brasil*, n. 1, p. 3.

No editorial do número 2, Darcy escreve assim: "Minha vocação – creio – era fazer uma revista antropofágica, mas me faltam matéria prima, engenho e arte".³

Na apresentação da revista de número 3, o antropólogo destaca:

Temos aqui o terceiro número da Revista do Brasil. Ótimo. Tudo é bom de ler. Mas recomendo especialmente o artigo de abertura, uma explanação de Fernando da Rocha Peres sobre o Boca do Inferno, Gregório de Matos. Ele me agrada muito porque nos dá a presença de um iracundo, o que nunca deve faltar nesta revista.⁴

A revista de número 4, não tem editorial, mas a página de número 3 é ocupada por uma fotografia autografada de Mário de Andrade e um ensaio sobre “O seqüestro de dona ausente”, em que Mário, em uma demorada pesquisa, analisa os documentos do folclore, conteúdo e forma, desejando compreender o “recalque” da sociedade, o que ficou reprimido e a impossibilidade de realização do desejo que o folclore guarda e que se reflete no caráter nacional. Através da palavra “dentição”, “revista antropofágica”, do resgate de “Gregório de Matos” e “Mário de Andrade”, Darcy revela sua intenção e, sobre o mesmo olhar modernista, mais uma vez, centra o assunto em torno da formação da identidade cultural brasileira. Na tentativa de fazer uma revista antropofágica, ele revive Gregório de Matos – primeiro escritor a trazer à tona a questão da identidade cultural, Manuel Bonfim, antropólogo que mostra como foi construído o mito de inferioridade do povo brasileiro e Oswald e Mário de Andrade que, através do ato antropofágico, acabam marcando a diferença entre a língua portuguesa e a língua brasileira, nutrindo-se dos valores dos civilizados e dos primitivos e invertendo-os.

Esta fase encerra-se em 1986, com o número 5. Darcy Ribeiro não está presente neste número. O editorial vem assinado por Heloísa Buarque de Holanda, que faz um balanço das últimas três décadas:

Vista de hoje, a década de 60 parece irremediavelmente encerrada, condenada aos museus e aos inventários históricos. No sentir das novas gerações, o voluntarismo, a militância revolucionária romântica, o dogmatismo, a “genialidade” autoritária de seus heróis e de suas palavras de ordem são identificadas como as síndromes por excelência dos grandes erros desse passado estranhamente longínquo.

Por sua vez, igualmente anacrônico e distante parece o projeto alternativo dos anos 70 e seus questionamentos em torno da racionalidade, da competência, da técnica, das formas de poder, deixando entrever uma estratégia de rejeição ao “sistema” e às linguagens dominantes.

³ *Revista do Brasil*, n. 2, p. 3.

⁴ *Revista do Brasil*, n. 3, p. 3.

Enfim, em meados da década de 80, a própria idéia de sonho, seja ele o de uma revolucionária transformação social (60), seja ele o da utopia da construção exemplar de um mundo alternativo (70), manifesta sinais expressivos de descrédito e mesmo de um progressivo desprestígio no âmbito dos projetos de intervenção cultural. Estaríamos entrando na era da plena disponibilidade, do “fim das ideologias” e da crise da negatividade da arte moderna. Tempo esse definido como a “pós-modernidade”. Seria possível identificarmos os traços desse debate no Brasil?⁵

Com a revista de número 5, a sexta fase se encerra. O pai, após escrever “O seqüestro de dona ausente”, morre e os filhos do moderno chegam para dar continuidade ao trabalho literário, que guarda nas entrelinhas da ficção, nossa história. Essa geração, trabalhada por Heloísa, descende de Gregório de Matos, Gonçalves de Magalhães, José de Alencar, Oswald e Mário de Andrade, e discute também a questão da identidade cultural, só que através de outra lente – a da pós-modernidade.

A sétima fase da Revista do Brasil vai de 1988 a 1990, sua numeração segue a da fase anterior, que vai do n. 6 ao 12. A revista, nesta fase, deixa de ser financiada pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro, passa para a Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. O antropólogo, Darcy Ribeiro, sai da coordenação e entra o historiador Francisco de Assis Barbosa. A revista muda, torna-se comemorativa e histórica. O periódico de número 6/7 é sobre a vida e obra de Heitor Villa-Lobos, comemorando os 100 anos de nascimento do compositor. Não tem editorial e, como a revista de n. 4 da sexta fase, apresenta uma fotografia autografada do compositor. Logo nas primeiras páginas, destaca que, aos 35 anos, a convite de Graça Aranha, Villa-Lobos participa da Semana de Arte Moderna, com Mário de Andrade, Menotti del Picchia, Ronald de Carvalho, Guilherme de Almeida, entre outros.

Os números 8, 9 e 10 foram elaborados em 1989, tendo como objetivo, respectivamente, a tríplice comemoração do centenário da República, do bicentenário da Inconfidência Mineira e os dois séculos da Revolução Francesa. O diretor, Francisco de Assis Barbosa teve, segundo seu editorial: "a tarefa de preservar a memória de uma das maiores publicações periódicas do século XX, na história da cultura popular do Brasil" ⁶

Os periódicos passam pela Proclamação da República, pela Inconfidência Mineira e pela Revolução Francesa. O Secretário Municipal de Cultura, Geraldo Mello Mourão, ressalta que “o historiador Francisco de Assis Barbosa preparou esta trilogia com o objetivo de assinalar aspectos singulares da história republicana, destacar a

⁵ *Revista do Brasil*, n. 5, p. 3.

⁶ *Revista do Brasil*, n. 8, p. 5.

conjunção que deu no Brasil seu herói máximo e apresentar ao público leitor versões diferenciadas da Revolução Francesa que instituiu os ideais políticos da modernidade”. Leio estes três momentos, com a ajuda da antropofagia de Oswald de Andrade, que Benedito Nunes mostrou ser, a um tempo, metáfora, diagnóstico e terapêutica. No sentido metafórico, a revista devora o acontecimento e, ao devorá-lo, torna-o mais forte, mais importante; no ato de devoração, ela (a revista) absorve o que há de melhor e utiliza a busca da identidade cultural brasileira no seu objetivo maior. A antropofagia é o diagnóstico, a doença é o recalque que a sociedade brasileira sofreu pela repressão colonizadora que lhe condicionou o crescimento. Cada um destes momentos históricos partiu de uma doença. Ativando a antropofagia estamos diagnosticando o mal. Ao perceber o que está reprimido, a antropofagia torna-se terapêutica, por meio de uma reação violenta e sistemática contra os mecanismos sociais e políticos, rasteando a própria identidade cultural.⁷

A *Revista do Brasil* de número 11 é dedicada “à poesia em 1930”. Em seu editorial, Francisco de Assis Barbosa faz uma análise histórica do momento e destaca as principais mudanças sofridas pelo país e mostra que estão registradas nos poemas dos autores privilegiados neste número. São eles: Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes e Augusto Frederico Schmidt. A historiadora Lúcia Lippi de Oliveira discutindo a questão do nacionalismo mostra que após os anos 30, o Estado Novo, apoia-se num modelo centralizador e autoritário e empenha-se em construir uma identidade nacional baseada em um novo projeto ufanista de Brasil. Lúcia Lippi de Oliveira estabelece diferenças entre um primeiro e um segundo tempos modernista. No primeiro tempo modernista, era fundamental assegurar o ingresso do Brasil na modernidade, incorporando-o à ordem urbana e industrial. “Ser moderno era identificado como ser civilizado, ser cosmopolita, ou seja, estar atualizado com o mundo”. Já no segundo tempo, iniciado em 24, “ser moderno é ser brasileiro”, assumindo-se de um modo singular de realização dos valores nacionais. A modernidade não é mais buscada através da inserção imediata do país no mundo contemporâneo, o

⁷ NUNES, Benedito. Antropofagia ao alcance de todos. Prefácio a Oswald de Andrade. *Do pau-brasil à antropofagia e às utopias*. RJ, Civilização Brasileira, 1978, p. xxv-xxvi.

atraso não permite este passo, ele é dado através da diferença e da singularidade.⁸ Manuel Bandeira destaca neste poema a questão da língua tão discutida no modernismo:

Língua certa do povo/ Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil/
Ao passo que nós/ O que fazemos/ É macaquear/ A sintaxe lusíada.⁹

Os periódicos de n. 11 e 12 são editados juntos, em dezembro de 1990, mas a questão da língua portuguesa no Brasil é abordada de forma diferenciada. O número 11 defende o ideal modernista para a língua. Já no número 12 é dado outro enfoque: o último número da revista comemora o primeiro aniversário do Instituto Internacional de Língua Portuguesa. Francisco de Assis Barbosa destaca, no editorial, que o instituto foi fundado em novembro de 1989, e tem entre seus objetivos promover e defender a língua portuguesa, contribuir para o seu enriquecimento e estimular a pesquisa e a criação cultural. O projeto é apoiado pelos Governos de Portugal, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé, Príncipe e Angola. É o primeiro instrumento plurinacional para a coordenação de política de cultura e de língua com suas variantes e diversidades nacionais.¹⁰ O editorial destaca também as celebridades que participaram da inauguração do instituto e seus discursos, todos falam em diversidade cultural, mas desejam uma unidade lingüística, baseada nas nossas raízes históricas (no colonizador). O título deste periódico é “A nossa língua – 170 milhões adotam o português como idioma oficial”, e o olhar histórico de Francisco de Assis Barbosa e os outros colaboradores como Antônio Houaiss, Silvia Elias e Serafim da Silva Neto parecem defender a norma culta ditada por Portugal, totalmente contrário às idéias defendidas pelo número anterior. Na página de abertura da *Revista do Brasil*, antes mesmo do editorial, há uma iconografia com a capa de uma das primeiras edições dos *Lusíadas* e, ao lado, um poema de Olavo Bilac:

Língua Portuguesa/ Última flor do Lácio, inculta e bela,/ És, a um tempo,
esplendor e sepultura:/ Ouro nativo, que na ganga impura/ A bruta mina entre
os cascalhos vela.../ Amo-te assim, desconhecida e obscura,/ Tuba de alto
clangor, lira singela,/ Que tens o trom e o silvo de procela,/ E o arrollo da
saudade e da ternura!/ Amo o teu viço agreste e o teu aroma/ De virgens
selvas e de oceano largo!/ Amo-te, ó rude e doloroso idioma,/ Em que da voz

⁸ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. SP, CNPq-Brasiliense, 1990, p. 182.

⁹ Este poema, de Manuel Bandeira, está na *Revista do Brasil*, n. 11, p. 47, foi retirado do livro *Estrela da vida inteira*, p. 106.

¹⁰ *Revista do Brasil*, n. 12, p. 6.

materna ouvi: “meu filho!”/ E em que Camões chorou, no exílio amargo,/ O gênio sen ventura e o amor sem brilho!¹¹

Os 12 números, da *Revista do Brasil*, formam um ciclo que divide-se em três momentos. O primeiro é comemorativo, grandes acontecimentos históricos são revisitados. O segundo, passa pelo modernismo que teve como objetivo principal resgatar a cultura popular e inseri-la no contexto cultural brasileiro. O ciclo se encerra com o pós-moderno apresentando uma “outra” leitura da memória, que se constrói a partir de fragmentos. A literatura no pós-moderno tem consciência que a memória não pode ser apagada, ela sempre retorna, como matéria pendente, sempre pronta para ser relida.

De que modo esta nova geração poderia fazer “outro” uso da memória que estimule novas leituras?

A opção foi voltar a alguns caminhos já percorridos, reler alguns autores, retomar questões discutidas em outros momentos, com liberdade plena – como uma “metáfora da liberação social”. O passado passa a ser um valor que se arma a partir do presente, não está encerrado, se organiza em qualquer instante e o futuro é o passado não realizado, a promessa de felicidade. O contemporâneo é anacrônico – de um tempo diferente, é a sobrevivência do que já foi. O pós-moderno vai romper com a hereditariedade. Permitindo o nascimento de uma literatura sem pai, é uma letra sem criador – como num regime de democracia que faz de um lado o regime da lei e de outro, o regime da escritura, que pode se colocar no regime da norma/lei (norma culta), mas também do desvio (língua falada no Brasil). A questão da pós-modernidade é dual, é ambígua, pois quebra a circulação de valores, obrigando o sistema a encontrar outra saída, acaba mexendo com a confiabilidade e fragmentando a “verdade”. A escritura volta-se sobre si mesmo, enquanto linguagem ou enquanto processo configurando uma alegoria hiper-real e metonímica, como uma radiografia que denuncia uma realidade social.

¹¹ Idem. Ibidem.